

TERRITÓRIO DE EXPERIÊNCIA: CADERNO, DESENHO E OBSERVAÇÃO JUNTO AO COLETIVO *URBAN SKETCHERS*

JARBAS GAMA MACEDO¹; ANGELA RAFFIN POHLMANN²

¹Universidade Federal de Pelotas – jarbasmacedo@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – angelapohlmann@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A investigação aqui apresentada nasce do fascínio pela efemeridade e transitoriedade das coisas, assim como pelo desejo de capturar o que o olhar e a mão buscam reter. A linguagem escolhida é o desenho, e o suporte, são os cadernos (*sketchbooks*, diários, blocos). Este resumo refere-se à pesquisa iniciada em 2024, que está sendo desenvolvida no curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal de Pelotas (PPGArtes/UFPel), na linha de pesquisa em Processos de Criação, Poéticas e Cotidiano.

Uma parte de minha produção artística está vinculada às atividades do grupo *Urban Sketchers* (USk), uma comunidade global dedicada a registrar o cotidiano nas cidades, ou em viagens, por meio do desenho. O grupo de Rio Grande, do qual sou coordenador, foi oficializado em julho de 2025. As imagens produzidas, as experiências vividas, os objetos coletados e as questões discutidas pelo grupo constituem o tema e o “combustível” que movem minha produção artística e textual desta pesquisa de Doutorado. Busco, assim, decifrar as relações entre o desenho, os cadernos que servem de suporte para esses desenhos, e o que acontece nos encontros coletivos do grupo que compõe o USk.

A produção acontece em cadernos. O conjunto formado por experiências, memórias, registros e colagens constitui a “matéria-prima” da minha produção poética, que ocorre nas páginas desses cadernos, compreendidos tanto como obra quanto como documento. Desta forma, os cadernos são compreendidos como territórios de experiência, o que os aproxima da definição da artista e pesquisadora Aline Dias, para quem “os cadernos são espaços de experiências” (DIAS, 2011b, p. 198).

A palavra “experiência” neste contexto evoca o triplo sentido das palavras alemãs apontadas pelo filósofo Didi-Huberman: *Erfahrung* ou *Erlebnis* “experiência vivida”; *Experiment* “experimentação”; e *Erkenntnis* “experiência adquirida, conhecimento” (2017, p. 90). Assim, os cadernos configuram-se simultaneamente como lugar de registro do vivido, espaço de experimentação e objeto de compartilhamento do conhecimento adquirido.

A terminologia utilizada para designar o que, genericamente, está sendo chamado de “caderno” permanece em investigação, pois as denominações são tão amplas quanto suas formas de uso. Como exemplo, citamos: “caderno de apontamento” (OKAMOTO, 2009), “caderno de desenho” (DIAS, 2011a), “caderno de criação” (GUARALDO, 2010), “caderno de rascunho” (POHLMANN, 2020) e “caderno de artista” (SASAKI, 2023).

2. METODOLOGIA

Em 2021, propus a um grupo de pessoas que, de alguma forma, se identificavam com a prática do desenho, que nos reuníssemos em espaços públicos da cidade de Rio Grande - RS para realizarmos desenhos de observação. Os praticantes dessa modalidade de desenho são conhecidos como *Urban Sketchers*, ou desenhistas urbanos. Contudo, optamos pelo termo “desenhadores”, a fim de retirar a carga de sentido profissional do ato de desenhar. O grupo, portanto, é formado por pessoas que desenharam, e não necessariamente por artistas ou ilustradores. O nosso é um grupo heterogêneo que inclui biólogos, professores, estudantes e, também, artistas.

A partir desse primeiro encontro, constituiu-se um grupo que, atualmente, se reúne cerca de duas vezes por semana para desenhar os espaços urbanos da cidade. Esses encontros passaram a adotar como diretriz o Manifesto *Urban Sketchers*, criado em 2007 pelo ilustrador e jornalista Gabriel Campanario, inserindo-se assim no movimento internacional denominado *Urban Sketchers* (USk).

O ato de desenhar o espaço urbano e seu cotidiano é proposto como estratégia metodológica de criação, tendo como procedimento inicial as “saídas de campo” em coletivo e/ou de forma individual. Esses deslocamentos (com o grupo *Urban Sketchers* Rio Grande ou com outros coletivos) configuram-se como uma forma particular de observar e conhecer: olhar a partir do desenho ou olhar desenhando.

Os encontros do USk são divulgados previamente nas redes sociais, abertos a qualquer pessoa interessada, sem restrições e de forma gratuita. Os desenhos e pinturas, assim como alguns registros fotográficos, são compartilhados no perfil do USk Rio Grande¹. Esses encontros, além de serem entendidos como forma sensível de nos relacionarmos com o espaço urbano, modificando-o à medida que o ocupamos e o desenhamos, também resultam na coleta de registros gráficos, pictóricos e fotográficos. Eventualmente, elementos encontrados nesses espaços, como objetos, folhas, papéis, podem ou não ser incorporados como colagem nos desenhos.

Paralelamente às atividades coletivas, mantenho uma produção gráfica integrada às atividades cotidianas, aproximando arte e vida. Nesse sentido, Dias (2011a, p. 27) afirma que “podemos pensar que os cadernos comportam um sentido residual do processo de trabalho e do cotidiano do artista, misturando-os”. O desenho, sobretudo de observação, é uma prática constante no meu dia a dia, e se confunde com a produção de imagens em ateliê.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até agosto de 2025, o grupo realizou 16 encontros oficiais. O número de imagens produzidas em cada encontro é variável: alguns desenhadores fazem apenas um desenho, enquanto outros produzem mais. Essa variação também se reflete na minha própria produção.

Embora cada participante escolha livremente o tema, o ponto de vista, o material e o formato, há uma diferença significativa entre desenhar os espaços urbanos de forma solitária e desenhar estes mesmos espaços em grupo. No coletivo, as escolhas acabam sendo influenciadas pela interação: certos elementos

¹ https://www.instagram.com/usk_rio_grande/

e cores recebem destaque, e até mesmo a energia e o humor do grupo afetam o processo de criação (Figura 1).

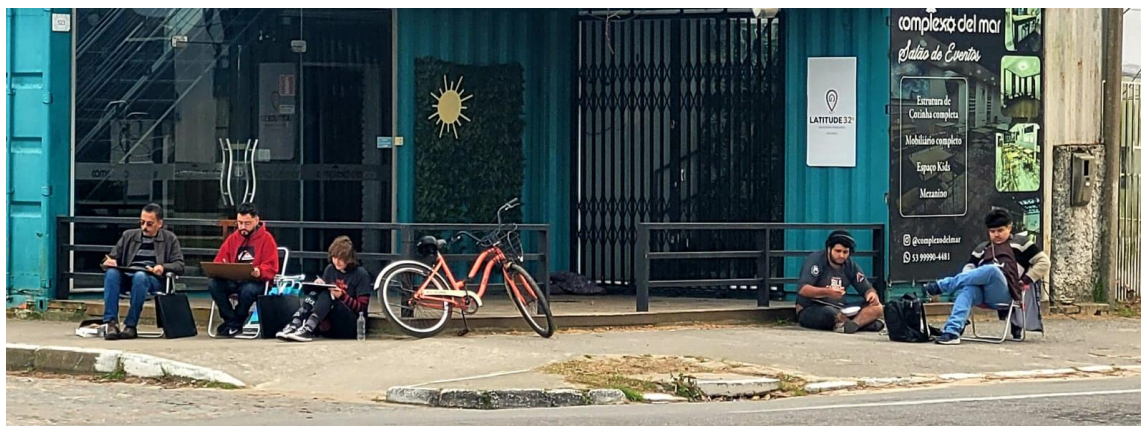


Figura 1. *Sketchers* desenhando na rua. Fotografia de Célia Pereira. 2025

Nesse processo, o desenho afirma-se como uma forma de conhecer e experienciar o mundo. Por isso, propusemos aqui o uso do termo “desenho-ensaio” para nomear práticas gráficas que se posicionam como formas de pensamento visual em processo. Diferente da ilustração ou do estudo técnico, o “desenho-ensaio” não tem como objetivo principal a finalização de uma imagem ou a representação precisa de um objeto. Trata-se, antes, de uma atividade reflexiva, aberta à dúvida, ao inacabamento e à sobreposição, em que o gesto do traço se aproxima da escrita ensaística: aquela que busca, experimenta, hesita, volta atrás, ou propõe novos caminhos (Figura 2).

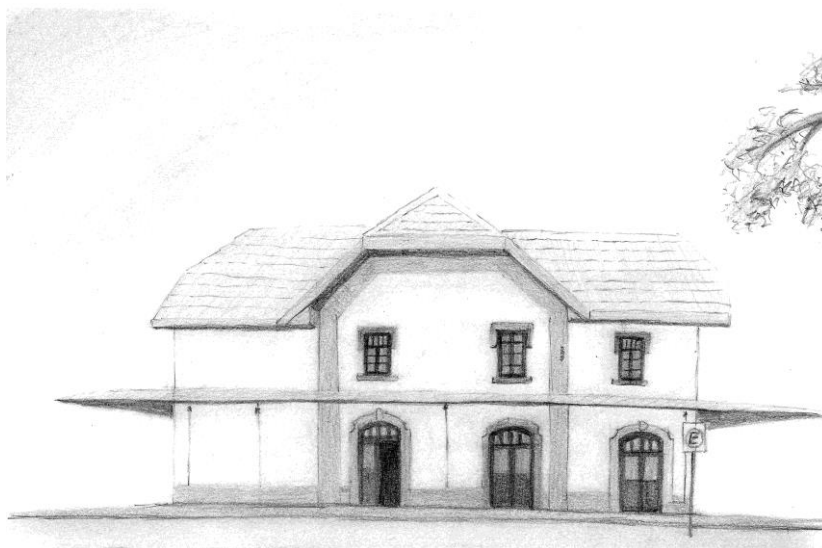


Figura 2. Jarbas Macedo. Prédio do Art'Estação. Desenho em caderno. 2025

4. CONCLUSÕES

Nessa pesquisa o ato de desenhar em cadernos, especialmente no contexto dos encontros coletivos do *Urban Sketchers*, constitui não apenas um exercício de registro visual, mas também um espaço de construção de vínculos, trocas e

experiências compartilhadas. Os cadernos revelam-se como territórios de experimentação e memória, onde o processo criativo se entrelaça com o cotidiano e onde arte e vida podem se misturar.

Ao mesmo tempo, as práticas desenvolvidas pelo coletivo *Urban Sketchers* reafirmam o potencial do desenho como ferramenta de observação e de ocupação sensível do espaço urbano, capaz de ressignificar lugares e fortalecer o sentimento de pertencimento. A oficialização do grupo de Rio Grande e a participação do grupo no movimento internacional USk inserem a pesquisa em um diálogo global, ao mesmo tempo em que preservam a especificidade local de seus encontros e registros.

Por fim, este trabalho aponta para a continuidade da investigação tanto no aprofundamento das terminologias e conceitos ligados aos “cadernos” quanto na ampliação das ações coletivas e de suas possibilidades poéticas. Reafirmamos, com isso, a importância de compreender esses suportes e práticas como dispositivos vivos, em constante transformação, que guardam e produzem experiências singulares.

5. REFERÊNCIAS

DIAS, A. M. Alguns cadernos de desenho. In: **Atas do II congresso internacional criadores sobre outras obras**, Portugal, p. 24-29. 2011a. Disponível em: https://www.academia.edu/1215795/alguns_cadernos_de_desenho. Acesso em: 27 fev. 2025

DIAS, Aline. **Cadernos de desenho** / textos Aline Dias, Diego Rayck e Ana Lucia Vilela; org. Aline Dias. Florianópolis: Corpo Editorial, 2011b.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Cascas**. São Paulo: Editora 34, 2017.

GUARALDO, Laís. A diversidade de processos nos cadernos de criação. In: **Congresso Internacional da associação de Pesquisadores em Crítica Genética**, 10. 2010, Porto Alegre. Anais. Porto Alegre: PUCRS, 2010. Disponível em <https://editora.pucrs.br/anais/apcg/edicao10/Lais.Guaraldo.pdf>. Acesso em 07 fev. 2025.

OKAMOTO, Ayao. **Os Cadernos de apontamentos: percursos e fabulação do desenho pelo universo das sensações**. 2009. Tese (doutorado em artes) Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

POHLMANN, Angela Raffin; TAVARES, R.N. Dúvidas, rasuras e incertezas: o espaço de fabulação nos cadernos de rascunho. In: Anais do **X Seminário Ibero-Americano sobre o Processo de Criação nas Artes**, 2020, Vitória, ES. Arte em tempos de pandemia. Vitória, ES: Jose Cirillo, Marcela Belo, Angela Grando (orgs), 2020. v. 10. p. 41-48. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/494637952/Integrall-Em-Baixa-Poeticas-2020-Anaisre-Final-Compressed-1>. Acesso em: 07 jan. 2025.

SASAKI, Nair Rika. **O caderno de artista como obra**. 2023. Dissertação (Mestrado em Poéticas Visuais) Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.